

★ COLEÇÃO MINIATURA ★

Truman Capote

A HARPA DE ERVAS

tradução de
PAULO FARIA

LIVROS DO BRASIL

I

Quando é que ouvi falar pela primeira vez da harpa de ervas? Muito antes do outono que passámos na amargoseira; num outono anterior, portanto; e, como não podia deixar de ser, foi Dolly quem me contou, pois mais ninguém se lembraria de lhe chamar isso, uma harpa de ervas.

O viajante que, ao sair da cidade, siga pela estrada da igreja, passará em breve por uma colina ofuscante de lápides brancas como ossos e flores castanhas, queimadas do sol: eis o cemitério batista. A nossa gente, os Talbos, os Fenwicks, está ali sepultada; a minha mãe jaz ao lado do meu pai, e as campas dos parentes, vinte ou mais, rodeiam-nos como as raízes à flor da terra de uma árvore de pedra. No sopé da colina há um prado de erva-dos-índios muito alta, que muda de cor com as estações do ano; vão vê-la no outono, em finais de setembro, quando fica vermelha como um crepúsculo, quando sombras escarlates como labaredas sopram sobre ela e os ventos outonais dedilham as folhas secas, entoando uma música humana feita de suspiros, uma harpa de vozes.

Para lá do prado começa o negrume de River Woods. Deve ter sido num desses dias de setembro, quando andávamos pela floresta a colher raízes, que Dolly disse assim: Estás a ouvir? É a harpa de ervas, sempre a contar histórias – conhece a história de todas as pessoas que ali estão na colina, de todas

as pessoas que alguma vez viveram, e, quando nós morrer-mos, também vai contar a nossa.

Quando a minha mãe morreu, o meu pai, um caixeiro-viajante, mandou-me ir viver com as primas, Verena e Dolly Talbo, duas irmãs solteironas. Até essa data, eu nunca tivera autorização sequer para entrar em casa delas. Por motivos que nunca ninguém percebeu muito bem, Verena e o meu pai não se falavam. Provavelmente, o papá pediu dinheiro emprestado a Verena e ela recusou; ou talvez ela tenha ace-dido e ele não tenha saldado a dívida. O certo é que a ques-tão tinha que ver com dinheiro, porque, para eles, nada mais justificava uma zanga assim, sobretudo para Verena, que era a pessoa mais rica da cidade. O bazar, a loja de modas, uma bomba de gasolina, uma mercearia, um prédio de escritó-rios, tudo isto era propriedade dela, e o muito que tivera de labutar para enriquecer assim não a tornara uma mulher de trato fácil.

Seja como for, o papá jurou que nunca mais poria os pés em casa dela. Contava-me as coisas mais horríveis acerca das manas Talbo. Uma das histórias que espalhou, que Verena era hermafrodita, nunca mais deixou de circular, e a torrente de comentários trocistas que ele fazia sobre Miss Dolly Talbo era tão copiosa que até a minha mãe acabou por se faltar: disse-lhe que ele devia ter vergonha de estar sempre a ridicularizar uma senhora tão meiga e inofensiva.

Parece-me que eles se amavam muito, a minha mãe e o meu pai. Ela chorava sempre que ele se fazia à estrada para vender os seus frigoríficos. Quando se casaram, ela tinha de-zasseis anos; não chegou a fazer trinta. Na tarde em que ela morreu, o papá, a clamar-lhe o nome em altos brados, arran-cou as roupas todas do corpo e pôs-se a correr pelo quintal, nu dos pés à cabeça.

Foi no dia a seguir ao funeral que Verena veio até nossa casa. Lembro-me do pavor com que a vi aproximar-se pelo passeio, uma mulher magra que nem um espeto, bonita, de cabelo muito curto, já grisalho, sobrancelhas pretas bastante viris e um sinal elegante na face. Abriu a porta da frente e entrou na casa sem pedir licença. Desde o enterro, o papá tinha-se posto a partir coisas, não com fúria, mas de modo sereno, metódico; entrava tranquilamente na sala de visitas, pegava numa figura de porcelana, contemplava-a alguns segundos com ar abstraído e, por fim, atirava-a contra a parede. O soalho e as escadas encontravam-se juncados de cacos de vidro, peças da baixela de prata espalhadas; via-se uma das camisas de noite da minha mãe, feita em tiras, pendurada no corrimão.

Verena lançou aos destroços uma olhadela fugaz. – Eugene, quero falar contigo – disse naquela sua voz veemente, cheia de uma exaltação fria, e o papá respondeu: – Pois sim, senta-te, Verena. Calculei que viesses.

Nessa tarde, Catherine Creek, a amiga de Dolly, veio embalar as minhas roupas, e o papá levou-me de carro até à casa imponente e sombria de Talbo Lane. No momento em que me preparava para sair do automóvel, ele tentou abraçar-me, mas eu estava cheio de medo e escapuli-me. Agora lamento não nos termos abraçado, porque alguns dias mais tarde, ia ele a caminho de Mobile, o carro despistou-se e caiu de uma altura de quinze metros até mergulhar no golfo do México. Quando o tornei a ver, tinha um dólar de prata pousado em cada pálpabra.

Excetuando para comentar que eu era um enfezado, muito pequeno para a idade, nunca ninguém me prestara grande atenção; agora, porém, as pessoas apontavam-me o dedo e diziam que coisa mais triste, não é? pobrezinho do Collin Fenwick! Tentei fazer um ar infeliz, pois sabia que isso

agradava aos outros: de todos os homens da cidade, não deve ter havido um só que não me tenha oferecido um refresco ou uma guloseima, e, pela primeira vez, tive boas notas na escola. Por isso, passou-se muito tempo até eu serenar o suficiente para reparar em Dolly Talbo.

Mas, quando o fiz, ganhei-lhe uma profunda afeição.

Imaginem o abalo que ela deve ter sentido quando eu entrei naquela casa pela primeira vez, um rapaz barulhento e curioso de onze anos. Ela fugia em passinhos leves e apressados mal me ouvia chegar, ou, quando não havia maneira de me evitar, fechava-se como as folhas de uma tímida sensitiva. Era uma daquelas pessoas que se conseguem fazer passar por um objeto inanimado numa sala, uma sombra num canto, e cuja presença, quando revelada, constitui uma agradável surpresa. Usava sapatos absolutamente silenciosos e vestidos virginais muito simples, cuja bainha lhe chegava aos tornozelos. Embora mais velha do que a irmã, dir-se-ia que Verena a tinha adotado, tal como fizera comigo. Atraídos e guiados pela força da gravidade do planeta Verena, girávamos separadamente no espaço exterior daquela casa.

No sótão, um museu desmazelado onde pululavam velhos manequins fantasmagóricos da loja de modas de Verena, havia muitas tábuas soltas no soalho, e, afastando-as um pouco, eu conseguia espreitar para dentro de qualquer uma das divisões, ou quase. O quarto de Dolly, ao contrário do resto da casa, que estava atravancada de mobílias pesadas e austeras, continha somente uma cama, uma cómoda e uma cadeira; uma freira poderia ter ali vivido, à parte um facto: as paredes, assim como tudo o resto, estavam pintadas de um cor-de-rosa extravagante, e até mesmo o chão era dessa cor. Sempre que eu me punha a espreitar Dolly, costumava vê-la a fazer uma de duas coisas: ou estava parada diante do espelho,

de tesoura de jardinagem em punho, a aparar o cabelo louro e grisalho, já muito curto; ou então estava a escrever a lápis num bloco de papel grosseiro. Molhava constantemente o bico do lápis na ponta da língua e, por vezes, dizia uma frase em voz alta à medida que a ia escrevendo: *Se nunca tocar em doces, como rebuçados, o sal vai acabar por matá-lo de certeza.* Pois deixem que vos diga, ela estava a escrever cartas. A princípio, porém, esta correspondência era para mim um mistério. Afinal de contas, a sua única amiga era Catherine Creek, ela não se encontrava com mais ninguém e nunca saía de casa, a não ser uma vez por semana, quando iam as duas até River Woods, onde colhiam os ingredientes de um remédio contra a hidropisia que a própria Dolly preparava e engarrafava. Mais tarde, descobri que ela tinha clientes para este medicamento nos quatro cantos do estado, e eram eles os destinatários das suas numerosas cartas.

O quarto de Verena, ligado ao de Dolly por uma passagem, estava equipado como um escritório. Havia uma escrivaninha de tampa corrediça, uma estante cheia de livros de contabilidade, arquivadores. Depois do jantar, com uma viseira verde por cima dos olhos, ela sentava-se à escrivaninha a somar algarismos e a virar as páginas do livro-mestre até altas horas, e só se deitava quando os candeeiros públicos já se tinham apagado. Embora mantivesse um relacionamento diplomático e cortês com muitas pessoas, Verena não tinha um só amigo íntimo. Os homens tinham medo dela, e ela própria parecia ter medo de mulheres. Alguns anos antes, tinha-se afeiçoado muito a uma rapariga loura e alegre chamada Maudie Laura Murphy, que trabalhou durante um breve período nos correios daqui e acabou por se casar com um negociante de bebidas de St. Louis. Verena ficou muito amargurada e disse publicamente que o homem era um zé-ninguém. Foi

portanto uma surpresa quando se soube que, como prenda de casamento, ela oferecera ao casal uma viagem de lua de mel até ao Grand Canyon. Maudie e o marido já não regressaram; abriram uma bomba de gasolina perto do Grand Canyon e, de tempos a tempos, mandavam a Verena instantâneos deles próprios, tirados com uma máquina *Kodak*. Estas fotografias eram a um tempo fonte de prazer e de tristeza. Havia noites em que ela nem chegava a abrir os livros de contabilidade, antes ficava sentada com a testa apoiada nas mãos e as fotografias espalhadas sobre o tampo da escrivaninha. Depois de as guardar, andava às voltas pelo quarto com as luzes apagadas, e, ao fim de pouco tempo, ouvia-se o som de um choro dorido e áspero, como se ela tivesse tropeçado e caído no escuro.

A parte do sótão por onde eu poderia ter espreitado para o interior da cozinha estava fortificada contra as minhas investidas, pois encontrava-se cheia de baús do tamanho de fardos de algodão. Naquela época, a cozinha era a divisão que eu mais desejava espiar; era ali a verdadeira sala de estar da casa, e Dolly passava lá a maior parte do dia a tagarelar com a amiga Catherine Creek. Órfã desde pequena, Catherine Creek fora servir, ainda criança, para casa de Mr. Uriah Talbo, e, juntamente com as irmãs Talbo, crescera na velha quinta que entretanto foi transformada em estação ferroviária. Tratava Dolly por «Dolly querida», mas a Verena chamava «A Outra». Vivía no quintal das traseiras, num casinhoto cinzento, quase prateado, com telhado de chapa, escondido entre girassóis e pés de feijão-manteiga a crescerem em caniçadas. Dizia ser índia, mas, ao ouvir isto, a maioria das pessoas trocava olhares trocistas, porque ela era escura como os anjos de África. Mas, tanto quanto sei, talvez até nem fosse mentira; vestia-se como uma índia, disse não restavam dúvidas. Isto é, usava

um colar de contas de turquesa e punha *rouge* suficiente para encandear quem a via; as bochechas brilhavam-lhe como faróis votivos na traseira de um automóvel. Como já perdera a maior parte dos dentes, atafulhava a boca com chumaços de algodão, e Verena dizia-lhe Raios partam, Catherine, se não consegues dizer uma palavra que se perceba, por que diabo não vais ao doutor Crocker e lhe pedes para ele te pôr uma dentadura nessa boca? A verdade é que era difícil compreendê-la; somente Dolly conseguia traduzir em linguagem fluente os sons abafados que a amiga resmoneava por entre dentes. A Catherine bastava-lhe que Dolly a entendesse; estavam sempre juntas, e tudo o que tinham a dizer, diziam uma à outra; colando o ouvido a uma das traves do sótão, eu ouvia o tremor tantalizante das vozes de ambas a fluir como xarope de bordo através da madeira vetusta.

Para alcançar o sótão trepava-se por uma escada de mão dentro do armário da roupa branca, em cuja parte superior havia um alçapão. Certo dia, no momento em que me preparava para subir, vi que o alçapão estava aberto e, pondo-me à escuta, ouvi por cima de mim um sussurro doce e ocioso, semelhante aos ruídos engraçados que as garotas fazem quando estão a brincar sozinhas. Decidi voltar para trás, mas o sussurro parou e uma voz disse: – Catherine?

– Collin – respondi, assomando no alçapão.

O floco de neve do rosto de Dolly manteve a sua forma; por uma vez, não se dissolveu. – Então é para aqui que tu vens... já desconfiávamos – disse, numa voz frágil como papel de seda a amachucar-se. Possuía os olhos de uma pessoa talentosa, olhos brilhantes, transparentes, de um verde luminoso de gelatina de hortelã-pimenta; ao fitarem-me no lusco-fusco do sótão, deram-se conta, timidamente, de que eu não lhe queria fazer mal. – Brincas aqui em cima, no sótão? Eu bem

disse à Verena que tu ias sentir-te sozinho. – Debruçando-se, remexeu nas profundezas de uma barrica. – Pois bem – prosseguiu –, se quiseses ajudar-me, procura nessa outra barrica. Ando a ver se encontro um castelo de coral, mais um saco de seixos pequenos de todas as cores. Acho que a Catherine vai gostar da minha prenda, um aquário com peixinhos vermelhos, o que é que te parece? É para o aniversário dela. Em tempos, tivemos um aquário com peixes tropicais, mas eram uns demónios: comeram-se todos uns aos outros. Ainda me lembro de quando os comprámos; tivemos de ir até Brewton, a cem quilómetros daqui. Eu nunca tinha viajado cem quilómetros, e não creio que alguma vez torne a fazer o mesmo. Ah, cá está ele, o castelo. – Pouco depois, encontrei os seixos; pareciam grãos de milho ou rebuçados, e eu disse assim: – Come um rebuçadinho – e estendi o saco. – Ah, obrigada – respondeu ela. – Adoro rebuçados, mesmo quando sabem a pedra.

Éramos amigos, Dolly, Catherine e eu. Tinha onze anos, mas, quando dei por mim, já fizera dezasseis. Embora nenhum privilégio me distinguisse do comum dos mortais, aqueles foram os anos mais belos da minha vida.

Nunca cheguei a levar ninguém lá a casa, e também nunca quis. Certa vez, convidei uma rapariga para ir ao cinema, e, no caminho de regresso, ela perguntou-me se não podia entrar para beber um copo de água. Se eu achasse que ela estava mesmo com sede, teria dito que sim, mas percebi que ela só inventara um pretexto para ver a casa por dentro, que era o que todos desejavam, e por isso respondi-lhe que ia ter de esperar até chegar a casa. Ela disse-me assim: – Toda a gente sabe que a Dolly Talbo é maluquinha da cabeça, e tu a mesma coisa. – Eu gostava bastante daquela rapariga, mas, apesar disso, dei-lhe um empurrão, e ela avisou que o irmão

me ia tratar da saúde, e tratou mesmo: ainda conservo uma cicatriz no canto da boca, onde ele me bateu com uma garrafa de *Coca-Cola*.

Eu sei: as pessoas diziam que Dolly era a cruz que Verena tinha de carregar e também diziam que na casa de Talbo Lane se passavam as coisas mais mirabolantes. Talvez. Mas aqueles foram os anos mais belos.

Nas tardes de inverno, assim que eu chegava da escola, Catherine abria um frasco de frutas em calda, não sem se debater um bocado com a tampa, enquanto Dolly punha ao lume uma enorme cafeteira e metia no forno um tabuleiro de bolachas; e o forno, ao abrir-se, soltava um perfume quente a baunilha, pois Dolly, que só se alimentava de doces, estava sempre a cozer um bolo inglês, um pão com passas, uma qualquer variedade de biscoitos ou bolinhos; nunca tocava em legumes, e a única carne que apreciava era a mioleira do frango, uma bolinha do tamanho de uma ervilha que desaparece antes de uma pessoa poder sequer saboreá-la. Pois bem, com o fogão de lenha e a lareira, a cozinha era quente que nem a língua de uma vaca. O mais que o inverno conseguia era cobrir as janelas de geada com o seu hálito azul de zero graus. Se algum feiticeiro me quisesse dar um presente, pois que me dê uma garrafa cheia com as vozes daquela cozinha, o ah ah ah e o murmúrio do fogo, uma garrafa cheia até à borda com os cheiros amanteigados e açucarados e levedados daquela cozinha – embora Catherine cheirasse como uma porca na primavera. Mais parecia uma sala de estar acolhedora do que uma cozinha; havia um tapete artesanal no chão e cadeiras de baloiço; alinhadas nas paredes viam-se estampas de gatinhos, uma paixão de Dolly; havia um gerânio que floria uma e outra vez ao longo de todo o ano, e ainda os peixinhos vermelhos de Catherine dentro do aquário, sobre a mesa coberta por um

oleado, a abrirem as caudas em leque enquanto espreitavam pelos portões do castelo de coral. Às vezes fazíamos *puzzles*, repartindo as peças entre nós, e Catherine escondia algumas quando desconfiava que outra pessoa ia acabar a sua parte do *puzzle* antes dela. Ou então elas ajudavam-me com os deveres da escola, o que dava sempre trapalhada. Dolly possuía uma sensibilidade inata no que toca a todas as coisas naturais; tinha a inteligência subterrânea de uma abelha que sabe onde encontrar a flor mais doce de todas; conseguia avisar-nos de uma tempestade com um dia de antecedência, prever quando é que uma figueira ia dar fruto, mostrar-nos onde havia cogumelos e colmeias silvestres, ou um ninho escondido cheio de ovos de galinha-da-índia. Olhava em volta e sentia aquilo que via. Em matéria de deveres escolares, porém, era tão ignorante como Catherine. – A América já se devia chamar América antes de Colombo cá chegar. Faz todo o sentido. Caso contrário, como é que ele saberia que isto era a América? – E Catherine acrescentava: – É isso mesmo. América é uma palavra índia muito antiga. – Das duas, Catherine era a pior: insistia na sua própria infalibilidade e, se eu não escrevia exatamente o que ela dizia, enervava-se e despejava o café, ou coisa assim. Todavia, não lhe tornei a dar ouvidos depois do que ela disse sobre Lincoln: que ele era em parte negro e em parte índio e só tinha algumas gotas de sangue branco. Até eu sabia que isto não era verdade. Porém, tenho uma dívida especial para com Catherine; se não fosse ela, quem sabe se eu teria chegado a atingir a altura de um ser humano normal? Aos catorze anos, não era muito mais alto do que Biddy Skinner, de quem as pessoas contavam que tinha recebido propostas para ir trabalhar num circo. Catherine disse-me não te preocupes, querido, só precisas que eu te estique o corpo um bocadinho. Puxou-me os braços, as pernas, deu-me repelões na cabeça

como se fosse uma maçã agarrada a um ramo que se recusa a ceder. Mas a verdade é que, ao fim de dois anos, tinha-me feito crescer de um metro e quarenta e cinco para um metro e setenta, e posso prová-lo, graças aos entalhes na porta da despensa feitos com a faca do pão, pois ainda hoje, quando tanta coisa já desapareceu, quando há apenas vento no fogão e inverno na cozinha, aquelas cicatrizes de crescimento ainda lá se encontram, bem visíveis, à laia de testemunhos.

Apesar do efeito geralmente benéfico que o medicamento de Dolly parecia exercer sobre as pessoas que o encomendavam, de vez em quando lá chegava uma carta a dizer Querida Miss Talbo, não precisamos que nos mande mais remédio para a hidropisia porque a pobrezinha da prima Belle (ou fosse lá quem fosse) faleceu na semana passada, Deus guarde a sua alma. Nessas alturas, reinava na cozinha uma atmosfera fúnebre; de mãos entrelaçadas e a acenar com a cabeça, as minhas duas amigas recordavam tristemente as circunstâncias daquele caso, e Olha, dizia Catherine, fizemos o melhor que soubemos, Dolly querida, mas Deus Nosso Senhor tinha outros desígnios. Também Verena era capaz de levar a tristeza à cozinha, pois estava sempre a introduzir novas regras ou a reforçar uma ou outra das regras antigas: façam isto, não façam aquilo, parem com isto, despachem-se com aquilo; era como se nós fôssemos relógios cujos mostradores ela mantinha debaixo de olho, para ver se as nossas horas batiam certo com as dela, e aí de nós se estávamos dez minutos adiantados ou uma hora atrasados; Verena dava logo sinal, como um cuco. Lá está a Outra! exclamava Catherine, e Dolly punha-se a dizer chiu! chiu! caluda! como que para silenciar não tanto Catherine, mas um murmúrio de revolta interior. Lá no fundo, parece-me, Verena queria entrar na cozinha e participar no que lá se passava; mas assemelhava-se